



O diário de campo e suas possibilidades

The field diary and its possibilities

Mateus Freitas

Eliane Regina Pereira

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo

Para o profissional, principalmente em formação, o registro das vivências em diário de campo permite uma reflexão e uma revisão de suas práticas. Este artigo investiga os diários de campo escritos por estagiárias de psicologia, a partir de intervenções em uma sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde, no formato de rodas de conversa, durante o ano de 2013. A análise documental somada a análise por núcleos de significação, permitiu a discussão a partir de três núcleos: reflexões sobre a preparação das rodas de conversa; impressões e sentimentos sobre a experiência de coordenar as rodas; reflexões sobre a formação do psicólogo. O diário de campo permite uma certa materialização do vivido, e sendo registro de experiências permite que diversas situações vividas no processo de formar-se psicólogo sejam repensadas com o cuidado necessário.

Palavras-chave: **Diário de Campo, Formação em Psicologia, Práticas Grupais**

Abstract

For the professional, mainly in training, the recording in field journal allows a reflection and a review of their practices. This article analyzes the field diaries written by psychology trainees, from interventions in a waiting room of a basic health Unit, in the format of talk wheels, during the year 2013. The documentary analysis added the analysis by nuclei of signification, allowed the discussion from three nuclei: Reflections on the preparation of the conversation wheels; Impressions and feelings about the experience of coordinating the wheels; Reflections on the formation of the psychologist. The field diary allows a certain materialization of lived experience, and being a record of experiences allows several situations experienced in the process of forming a psychologist to be rethought with the necessary care.

Keywords: **Field Diary, Psychology Training, Group Practices**

Introdução

Os cursos de graduação no Brasil são orientados e organizados a partir de diretrizes estabelecidas pelo MEC (Ministério da Educação). As diretrizes dos cursos de graduação em psicologia orientam sobre “os princípios, funda-

mentos, condições de oferta, procedimentos para o planejamento, implementação e avaliação” do curso, sendo que esses devem estar voltados para a formação, atuação, processo de pesquisa e ensino de psicologia (Brasil, 2011). Em relação à atenção à saúde, as diretrizes curriculares dos cursos de formação em

psicologia definem como objetivo que o profissional deve estar apto a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde psicológica e psicossocial, tanto em nível individual quanto coletivo (Brasil, 2011).

Assim, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais têm demonstrado a necessidade de que o psicólogo em formação possua conhecimentos que vão de acordo com os princípios do SUS e com a demanda social.

Segundo Magda Diniz Bezerra Dimenstein (1998) os cursos de graduação atuam com inúmeras limitações no que diz respeito a modelos de atuação que correspondam com a “realidade sanitária do país”. Segundo a autora, ainda vigora uma formação na qual o profissional liberal, que apresenta serviços de caráter predominantemente individual, ainda é mais valorizado, enquanto a formação voltada para a saúde pública é desvalorizada. Com o auxílio de João Ferreira Neto e Luciana Kind (2010) e de Gabriel Silva, Eliane Pereira, Jacqueline Oliveira e Yuji Kodato (2013) podemos afirmar que uma das práticas que visa à ampliação das possibilidades de atuação do psicólogo e desinstitucionalização dos saberes “tradicionais” são as atividades em grupo.

No Brasil, os estudos e práticas grupais foram impulsionados com a imigração de psicólogos e psicanalistas argentinos, exilados políticos, que haviam rompido relações com a Associação Psicanalítica Internacional e começavam a questionar as práticas ortodoxas de caráter individual. Esses imigrantes trouxeram uma perspectiva que entendia os grupos como espaço no qual os sujeitos pudessem tomar consciência de si e seus processos, de desalienação e de mudanças. Esse processo de mudança das práticas terapêuticas também recebeu influência dos movimentos políticos que aconteciam nas décadas de 60 e 70 por toda a América Latina, de enfrentamento aos governos ditatoriais (Borges, Batista e Vecchia, 2011).

Atualmente na prática do profissional em psicologia na área da saúde, os grupos são importantes por diversos motivos: a demanda dos serviços de saúde é alta, logo se torna inviável o atendimento individual; os grupos transformam as redes de relações na comunidade, demandando também novos cuidados; o enfoque na prática grupal não é na patologia,

mas sim nos indivíduos; os grupos podem possuir caráter informativo e promovem a implicação dos sujeitos na prática, promovendo a produção de conhecimentos próprios e coletivos; as práticas grupais promovem um suporte aos membros dos grupos, permitindo a expressão de afetos e acolhimento dos indivíduos (Ferreira Neto e Kind, 2010).

É importante ressaltar que as práticas grupais não são modelos que visam substituir as práticas individuais, afinal cada uma tem um tipo específico de uso e aplicação, mas são práticas para além de um modelo até então vigente, o biomédico, de caráter unilateral. Ao assumir as práticas grupais como possibilidade, o psicólogo está aumentando o seu arsenal de métodos terapêuticos, e não excluindo o modelo de atendimento individual.

Na atuação do psicólogo, um dos possíveis instrumentos a ser utilizado é o diário de campo, o qual é um instrumento metodológico utilizado para registrar o que é vivenciado durante a atuação. Através do diário de campo é possível conhecer sobre as vivências, o que implica em um saber não institucionalizado, mas prático (Costa e Coimbra, 2008). O diário é defendido por Benedito Medrado, Mary Jane Spink e Ricardo Mélo (2014, p. 273) como um parceiro que se movimenta em forma de texto “narrativo, ficcional e implicado”.

Autores como Florence Weber (2009) e Keli Dal’Pra, Regina Mioto e Telma Lima (2007) defendem que o diário de campo possibilita a produção de um material de caráter etnográfico, de pesquisa e íntimo, sendo que tais características são concomitantes nos diários. O material produzido no diário de campo se difere de um texto comum, pois apesar de ser um documento científico permite um distanciamento da experiência registrada e avaliação do que houve em contraponto com hipóteses e propósitos. O diário de campo possibilita a documentação dos fatos vivenciados na prática, o que é um dos alicerces da constituição da identidade profissional.

Nas práticas grupais, o psicólogo pode utilizar todas essas funções do diário de campo, o qual assume tanto um caráter de ferramenta revisora das práticas levadas a campo, quanto de instrumento formador e de registros do que acontece nos grupos. As produções de novos conhecimentos nos grupos não se dão somente por parte dos participantes do grupo,

mas o profissional que está ali para acompanhar também faz parte disso, produzindo conhecimentos concomitantemente, em uma reciprocidade que gera a horizontalidade necessária para a emergência da identidade grupal. A pesquisa, que passamos a relatar, teve como objetivo investigar os diários de campo, de uma intervenção grupal, e identificar se este pode ser um instrumento potencializador na formação do psicólogo.

Metodologia

Esse estudo apresenta cunho qualitativo e utiliza a análise documental (Pimentel, 2001) associada à análise de núcleos de significação (Aguiar e Ozella, 2006). Os materiais investigados foram os diários de campo confeccionados por estagiários de psicologia durante o ano de 2013, feitos a partir de intervenções no formato de rodas de conversa, as quais foram realizadas na sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde do município de Uberlândia-MG. As rodas de conversa aconteciam uma vez por semana, coordenadas por três estagiários, sendo um coordenador, um auxiliar e um “anotador”¹, responsável por escrever os diários de campo no dia. Algumas anotações aconteciam durante a roda de conversa, mas o diário era produzido logo após a prática na Unidade Básica de Saúde, de modo que no ano de 2013, foram produzidos 40 diários.

As rodas de conversa² aconteciam semanalmente na sala de espera da Unidade Básica de Saúde. Nela, os estagiários de Psicologia escolhiam um recurso³ disparador para o diálogo e convidavam a todos para conversarem. O recurso era apresentado aos usuários do serviço

¹ As funções de coordenador, auxiliar e anotador, eram alternadas a cada semana, de modo que todos os estagiários assumiram todas as funções. A expressão “anotador” foi adotada após leitura de Medrado, Spink e Mélo (2014) na qual, os autores adotam “anotações” como a melhor expressão para o conteúdo a ser registrado em diário de campo.

² Apesar de não ser o tema deste artigo é importante apresentar rapidamente como elas ocorriam. Importante também destacar que as rodas de conversa, fazem parte de um projeto maior, intitulado “Compreendendo os sentidos produzidos por estagiários de psicologia e usuários do serviço de saúde na vivência da roda de conversa” que foi devidamente aprovado pelo comitê de ética, sob número CAAE: 19014813.6.0000.5152.

³ Um vídeo, uma imagem, uma música, etc.

e uma pergunta chave iniciava a conversa: “o que vocês pensam/sentem desse recurso?”. A conversa era iniciada e os estagiários promoviam o debate, fazendo perguntas sobre o que estava sendo dito, objetivando uma reflexão sobre a vida, o que ao nosso ver, significa promoção de saúde. Após as rodas de conversa, os estagiários escreviam diários de campo, nos quais anotavam sentimentos sobre o que vivenciaram e descreviam a atividade em si.

A análise dos diários começou através de leituras e releituras do material dos Diários de Campo, com o objetivo de encontrar pré-indicadores. Essas são palavras que possuem significados que sobressaem no discurso com maior frequência, as quais trazem informações como sentimentos, emoções, ambivalências e contradições. Foram realizados recortes dos trechos onde esses pré-indicadores foram encontrados, e uma aglutinação dos mesmos para que se chegasse então aos indicadores. Essa aglutinação teve como critério as peculiaridades, complementaridade ou contraposição das informações coletadas. Para que essa aglutinação fosse desenvolvida, foi necessária uma releitura sistemática dos diários de campo, para que as informações coletadas tivessem o conteúdo emergente preservado e alocado em indicadores que levassem em conta o contexto no qual o discurso foi produzido, entendendo o texto como um todo articulado entre si (Aguiar e Ozella, 2006).

Por fim, foi realizada a construção e análise dos núcleos de significação. Nessa fase, os indicadores passaram por um processo de articulação, a qual se deu através do modo como os conteúdos dos indicadores se relacionavam, para que então os núcleos ganhassem nomes e forma. Nesse caso, alcançamos três núcleos de significação: Reflexões sobre a preparação das rodas de conversa; Impressões e sentimentos sobre a experiência de coordenar as rodas; Reflexões sobre a formação do psicólogo.

Resultados e discussão

Reflexões sobre a preparação das rodas de conversa

O diário de campo parece ser escrito com determinados fins, ora há reflexões relativas à experiência, ora parece haver um pedido de auxílio à professora supervisora do estágio.

Esses questionamentos remetem a dúvidas sobre como proceder em determinadas situações, sendo que em certos momentos são levantadas sugestões. No trecho abaixo, é apresentado o modo como o anotador do diário avaliou a experiência e a partir disso são feitos questionamentos que expressam certa insatisfação com a preparação da roda de conversa e indica sugestões de possíveis modos de fazer.

Consideramos a experiência válida, embora achamos que não estávamos preparadas o suficiente para realizar a intervenção. Talvez fosse necessária uma maior frequência de observação das salas coordenadas pelos estagiários ou mesmo uma instrução mais detalhada de como proceder, qual o momento de pontuar e mediar os diálogos estabelecidos bem como estratégias para converter o silêncio em conversa. (Diário de Campo, março, 2013)

A anotação apresentada acima mostra insegurança sobre o modo de fazer, e salienta o desejo de que houvesse um passo a passo preparado para que os momentos de intervenção fossem antecipados pelos estagiários. Dal’Pra, Mito e Lima (2007) escreve que o diário de campo serve como um complemento daquele cenário no qual as experiências se dão, sendo que cada tipo de anotação tem um uso diferente: as anotações descritivas são informações iniciais para o planejamento de intervenções e começo da compreensão dos fenômenos, enquanto as anotações de cunho analítico-reflexivo indicam questões a serem aprofundadas.

Em outros momentos ressurgem as sensações de despreparo, não em um sentido negativo, de que não é capaz de realizar as atividades, mas sim anotações de cunho analítico-reflexivo que indicam aquilo que deve ser trabalhado de forma mais cuidadosa e aprofundada. As descrições demonstram em alguns momentos que nem sempre aquilo que é levado ou suscitado tem prosseguimento, visto que o serviço é voltado para a população e suas demandas, os usuários do serviço também são responsáveis pelo ritmo do grupo, como no trecho a seguir:

Tentamos, por muitas vezes, levar as tristezas dela para o grupo ou pontuar algumas coisas para interromper a fala que já incomodava os outros da roda. Como cortar a fala? Conseguimos, em algum momento, encerrar a conversa que foi pesada e que retomou, a todo o momento, um deus. Como lidar com a religiosidade? (Diário de campo, agosto, 2013)

O trabalho em grupo apresenta um modo de funcionamento peculiar tendo a multiplicidade de ritmos como tom marcante. O papel do psicólogo em situações como a do trecho acima requer flexibilidade, e muitas vezes o discurso dos estagiários vem marcado pela dificuldade de flexibilizar e mais do que ouvir, permitir que todos compartilhem seus sentimentos. A preparação então perpassa pelo desenvolvimento de capacidades não mais fixas, descritivas e catalogadas, mas, que são próprias do próprio profissional que atua em grupos.

Nos diários investigados os estagiários fazem reflexões sobre o que poderia ter sido feito, às vezes com ideias bem objetivas e pontuais, outras nem tanto, que permitem o surgimento de sugestões voltadas à própria redatora do diário como se fosse um lembrete do como fazer nas próximas vezes. O uso do diário de campo nesse momento aparece como um instrumento que auxilia a lembrar o que poderia ter sido feito melhor:

Outro momento do grupo que me chamou bastante atenção, foi quando tentei questionar alguma fala de Tereza que ia de encontro ao dito, não lembro bem qual era, mas ela e Carlos falaram quase juntos “de jeito nenhum”, muito convictos. Ao refletir sobre o grupo, registrando o diário e pensando nas falas, pensando sobre as falas perdidas pela leitura de novos ditos, sinto que faltou algo extremamente importante no grupo, que levarei para as próximas salas. Acho que poderia ter feito uma amarração final, retomando essas falas e questionando os ditos de forma geral, questionando o grupo sobre isso, inclusive levar o questionamento sobre o porquê de sempre tomarmos os ditos como verdades. (Diário de Campo, setembro, 2013)

O trecho acima foi retirado de uma roda de conversa no qual, aparentemente, tudo deu errado. As estagiárias escolheram como recurso, os “ditados populares” e os participantes trouxeram opiniões cristalizadas e com pouca flexibilidade, o que resultou em um consenso naturalizado dentro de uma lógica de manutenção desses ditados. Esse funcionamento grupal possibilitou uma reflexão que por si mesma é um instrumento de preparação, pois essa experiência, por mais que descrita como incômoda, serve como aprendizado do que poderia ter sido feito, sobre como escolher melhor o recurso disparador da conversa e não levar recursos já naturalizados, ou ainda, fazer uma fala de fechamento final, apesar de não ser esta a proposta das rodas de con-

versa, como poder ser observado no trecho final do diário:

Mas o grupo (e falo também de mim enquanto participante deste) ficou preso em conversar sobre os ditos separados, por isso senti que o momento de finalizar o grupo foi quando a leitura dos ditos acabou e a discussão destes também. Senti o grupo disperso, um pouco perdido, e as vezes até andando em sentido oposto ao meu, como disse, me travou em alguns momentos, como no momento de fazer a amarração. Não sei o que as pessoas levaram do grupo, mas eu sinto que para mim foi uma experiência muito rica e vejo que os desencontros também são importantes para eu repensar o grupo e as formas de coordenar um. (Diário de Campo, setembro, 2013)

Segundo Dal’Pra, Mioto e Lima (2007), os registros no diário de campo permitem o manejo, através da análise dos mesmos, daquilo que o serviço demanda e suas limitações, assim como as dificuldades do profissional que está atuando. Através do manejo desses registros é possível a formulação de novas práticas que estejam de acordo com aquilo que o serviço demanda.

Impressões e sentimentos sobre a experiência de coordenar as rodas

Percebe-se que os estagiários registram momentos nos quais dúvidas sobre o que poderia ser feito são colocadas de diferentes formas: em determinados momentos são questionamentos e reflexões que remetem a quem escreveu o diário e em outros momentos se referem a pessoas que participaram das vivências. Essas anotações em diário, muitas vezes, levam a reflexões de como a situação diverge daquilo que é esperado, o que nos leva a pensar em sentimentos como insegurança, frustração e ansiedade.

São descritas situações onde durante a experiência há uma espera por algo que foi planejado, mas que na hora não aconteceu. Assim, a ansiedade geralmente não vem sozinha nos diários, há momentos em que ela vem acompanhada de sentimentos como o de despreparo, como no trecho a seguir:

A ansiedade a qual me referi anteriormente “surtiu” de quando minha ficha caiu assim que entramos na sala, pois, estávamos com um grupo de primeiro período em que eles pouco se conheciam e nada sabiam sobre nós; eis que então surge um medo de que eles não participassem da conversa e o grupo não fluísse como esperávamos; além disso, a curiosidade para saber a forma como este vídeo os tocava me tomou conta em um determinado momento, mas me contive e foquei

novamente no que estava sendo trabalhado. (Diário de Campo, agosto, 2013)

Nestas anotações os estagiários descrevem a primeira roda de conversa realizada pelo grupo de estagiários. Antes de iniciar a atividade na sala de espera da Unidade de Saúde, os alunos experimentavam a coordenação de um grupo, com alunos de um primeiro período. Nessa anotação a insegurança diz respeito ao medo de que o que foi planejado não pudesse ser realizado como se houvesse uma maneira correta de se realizar.

O registro dos fatos se dá a partir da maior ou menor significância que o indivíduo atribui à determinada experiência. Tal experiência tem maior ou menor significado de acordo com a quantidade e intensidade ofertada pelo indivíduo e o modo como ele consegue relacionar com outras experiências, proporcionando então uma reflexão sobre tal evento (Souza et al, 2012).

Estou com a sensação de não ter conseguido transpor da melhor forma os momentos dessa sala de espera, me parece que estão faltando coisas, também não consegui ficar só com as impressões... Mas o que pude sentir depois é que gostei dessa sala, sai de lá satisfeita, acho que foram conversas interessantes... Mas ainda pairam aquelas dúvidas e inseguranças em mim: a dificuldade em propor reflexões em alguns momentos, não sei até que ponto questionar respeitosamente as verdades de cada um, como pontuar algumas falas, como lidar quando o grupo se dispersa... Estar nesse projeto vai ser um desafio constante, foi muito interessante ver o quanto esse grupo foi diferente do passado, e assim acredito que será sempre... (Diário de Campo, agosto, 2013)

A forma como a experiência é descrita remete à dificuldade de expressar o vivido, mas na medida em que se escreve sobre essa vivência, é possível produzir novos sentidos ao momento. Segundo Ana Paula Souza et al (2012) o importante nos diários de campo são os registros e não se o fato realmente ocorreu ou não, pois, o modo como o mundo é percebido e registrado, posteriormente, passa por um processo de reflexão, que irá guiar a formação do indivíduo. Portanto, escrever o vivido é uma oportunidade ímpar de resignificá-lo de olhar para ele de novos ângulos.

O uso do diário não se restringe somente ao registro de fatos empíricos, mas propicia a reflexão de que as diferentes “verdades” vivenciadas durante a experiência sejam analisadas, através do uso íntimo e do etnográfico. Não há somente um ponto de vista, pois, os

registros permitem que se perpassasse aquilo que é imediato, trazendo novas formas de se entender a mesma situação. Como pode ser visto na anotação abaixo, o diário permite analisar as expectativas que compõem o fazer do psicólogo em formação.

Pedimos para que todos se apresentassem e passamos a música “Pedro pedreiro” de Chico Buarque e, confesso que quando vi a ideia de levarmos essa música pensei em muitos caminhos que aquela sala poderia trilhar diante da letra da mesma e eu estava um tanto entusiasmada com tais possibilidades que poderiam emergir desse encontro. Às vezes minha frustração teve origem nesse aspecto, pois a meu ver, tal frustração pode estar ligada com minha expectativa e ansiedade para aquele grupo uma vez que pensei em muitos caminhos que poderiam ser trilhados e aos meus olhos, isso não ocorreu como esperava. (Diário de Campo, outubro, 2013)

Em outros momentos, a experiência sendo vivenciada traz sentimentos de que o planejado não ocorreu. Os estagiários fazem o uso do diário de campo para expressar o modo como se sentem em relação ao vivenciado, permitindo também um contraponto frente às expectativas. A implicação dos estagiários no diário de campo, através da expressão do modo particular como a experiência foi vivida, possibilita a reflexão e manejo das próprias formas de lidar com o mundo.

Continuamos a leitura e conversa dos outros ditos, “cão que ladra não morde”, “quem tem telhado de vidro não atira pedra ao vizinho”, “de moeda em moeda se faz uma fortuna” e em cada um deles as falas iam ao sentido de interpretar, de contar fatos que vivenciaram e que iam de encontro aos ditos mencionados. Em vários momentos tentei questionar, ampliar a discussão, mas senti que o grupo estava indo para o lado oposto, fiquei angustiada e um pouco insegura com relação até que ponto ir e insistir tentando questionar, sem ter a resposta do grupo. (Diário de campo, setembro, 2013)

Certos incômodos também são descritos com frequência. Em certos momentos, estes incômodos se referem ao conteúdo do que está sendo dito pelas pessoas durante a roda de conversa, e a dificuldade do profissional em formação, de acolher falas muitas vezes preconceituosas, racistas, machistas, etc., sem desqualificar quem fala, ao contrário, permitindo uma reflexão de discursos tão naturalizados. Esse incômodo geralmente vem associado com uma espécie de despreparo, pois, quando esses valores pessoais entram em cena, parecem incomodar os estagiários de uma maneira diferente do que quando eles não sabem fazer algo tecnicamente. O reconheci-

mento desse despreparo, encontra-se amparado em uma formação profissional não padronizada, de uma clínica que se amplia para espaços de atenção pública e coletiva, e que se abre para ouvir as diferenças sem esperar um consenso no fim do diálogo promovido. As dificuldades diferem de estagiário para estagiário, logo, o diário de campo surge como um espaço para expressão dessas particularidades e a supervisão de estágio funciona como um suporte para o desenvolvimento de opções de como lidar com tais dificuldades.

Encerramos a sala por conta do horário e saio de lá com a sensação de que a sala foi muito boa e ao mesmo tempo difícil no sentido de não me colocar quanto a meu modo de ver e ler o mundo. Fico muito incomodada com a fala de Luís; achei muito machista, moralista e me incomodo mais ainda com a questão de muitos que estavam ali no grupo concordarem com essa linha de pensamento e me questiono: como desconstruir esse discurso com eles? Temos obrigação de desconstruí-lo? De que realidade estamos falando? (Diário de campo, novembro, 2013)

A prática traz consigo situações e emoções que não eram esperadas e é possível ao psicólogo o uso de instrumentos, como o diário de campo, que viabilizem uma melhor reflexão do que acontece durante sua atuação.

No contexto grupal, o psicólogo deve levar em consideração os saberes, memórias e história de vida dos participantes, sendo que assim é possível re-significar no presente toda essa história que é constitutiva dos sujeitos (Combinato et al, 2010). As experiências registradas em diário de campo possuem um caráter subjetivo de quem percebeu os acontecidos e os registrou, porém, é possível que essas percepções e reflexões advindas desses registros alcancem níveis de abrangência para além do singular, atingindo o social de forma mais ampla. A abrangência para além do singular é possível, pois o diário serve como um instrumento de registros de experiências, mas também como um “espaço de troca de saberes” através da construção do conhecimento a partir de visões e reflexões múltiplas acerca do anotado. (Dal’Pra, Miotto e Lima, 2007).

Assim, os incômodos também vêm com reflexões posteriores, ou se não possuem reflexões, dão espaço para questionamentos de como lidar com aquela situação.

Conseguimos explorar melhor as questões do brincar, da infância, por que os adultos não brincam mais, como fomos criados (...). Uma moça que dizia gostar demais de brincar até hoje, fica

reafirmando isso inúmeras vezes, fico com um pouco de raiva dela na hora. Raiva não, apenas uma inquietaçãozinha por ela não sair do lugar. Queria que ela fosse além da sua experiência. Sim, minha expectativa. (Diário de Campo, novembro, 2013)

A expressão do subjetivo no diário de campo é uma forma de dizer sobre si com o objetivo de uma reflexão posterior, objetivando a formação profissional, porém, também é uma forma de falar para si mesmo, fazendo com que a formação não esteja restrita somente a um único modelo, mas possibilitando a abertura de autoconhecimento.

Reflexões sobre a formação

Os diários falam sobre o modo como a formação dos estagiários está ocorrendo, sendo que não há uma divisão entre aquilo que remete ao campo profissional e aquilo que é pessoal, permanecendo essas duas “instâncias” integradas. São levantados pontos acerca das dificuldades em se viver novas experiências, sendo que em diversos momentos são ditas frases sobre o modo como as expectativas e os conhecimentos que os estagiários já possuem influenciam na prática. As sensações da experiência se confrontam com aquilo que era esperado e essa nova realidade, fruto do inesperado, às vezes causa incômodo, conforme aparece abaixo.

Acho que ficar no lugar de anotadora me impediu de “sentir” melhor o grupo, não sei bem se foi isso. Além disso, percebi o quanto minhas expectativas atrapalham meu olhar para o grupo e para o que acontece, o que acredito ser um desafio visto que eu me pego várias vezes com intenções de que as pessoas pensem o que eu quero que elas pensem. E isso não é a horizontalidade. (Diário de Campo, outubro, 2013)

O distanciamento que o diário de campo propicia frente às experiências leva a uma análise mais profunda dos acontecimentos, permitindo que a prática seja reanalisada e demonstrando “o esforço de cada indivíduo em colocar no papel seus conhecimentos, valores, desejos, concepções e crenças”, o que aponta para uma reflexão de caráter pessoal. (Souza et al, 2012)

Medrado, Spink e Mélo (2014, p. 285) anunciaram que, em seus grupos de pesquisa, têm incentivado os pesquisadores a anotar sem reservas, “suas opiniões, impressões, incômodos, enfim “afetações” produzidas no encontro com os interlocutores. Muitas vezes, esse exercício de produzir posicionamentos ao lon-

go da escrita dos diários resulta em importantes elementos para redação final da análise”. Passamos a entender que, no caso da formação profissional, as anotações em diário e, resultam em importantes reflexões sobre a prática, produzindo novos “modos de ser” psicólogo, possibilitando alterações significativas no fluxo da formação profissional.

A reflexão de caráter pessoal irá influenciar diretamente na atuação do profissional, visto que ele está susceptível a experiências que remetem a valores, crenças e modos de ser, os quais terão que ser compreendidos a partir da relativização do próprio ponto de vista. Para além da dita subjetividade do profissional, ainda há de se considerar todo um ideal que é construído acerca da prática, que na realidade não necessariamente irá ocorrer, o que pode acarretar em implicações como a frustração.

Essas reflexões acerca da formação também levantam hipóteses do que pode ser feito no futuro para que, o que fizeram e foi considerado como não bem-sucedido, possa ser efetuado de uma forma diferente. Em alguns momentos, aparecem também, junto a essas possibilidades do que é possível ser feito, as dificuldades que são encontradas na condução dos grupos.

Isso me paralisou, em outras salas deus já havia aparecido, mas dessa vez não soube como tratar. Como problematizar essa questão? Quais nossos limites? Devemos tratá-la de frente? Sinto que esse é um assunto que (i) mobiliza o grupo, senti que as outras pessoas têm receio de não mostrar que concordam que deus é o “maior” etc. Carla usou de uma estratégia que me pareceu boa, perguntando quais outras forças as pessoas têm buscado na vida... Isso retirou o deus do centro do assunto (Diário de Campo, outubro, 2013)

O uso do diário como registro de experiências permite que situações como a do trecho acima sejam repensadas com o cuidado necessário. Algumas temáticas parecem claramente mais difíceis que as outras e, no caso da roda de conversa os temas em que Deus aparece é sempre muito difícil de produzir reflexão. Para muitos, Deus resolve os problemas de saúde, Deus auxilia em dificuldades financeiras, Deus protege em situações de violência. Frente a um tema tão difícil, o diário de campo ameniza a angústia, mas também serve como espaço de aprendizagem, para que juntos organizem estratégias de diálogo promotoras de saúde. Souza et al. (2012) escreve que os re-

gistros de caráter pessoal, como os sentimentos e impressões, podem ser analisados e refletidos pelos estagiários, porém, também necessitam de um feedback do professor devido a necessidade de um respaldo teórico e reflexão mútua para que então o diário assumira a função de “ferramenta formativa”.

Com a inserção do psicólogo na atenção primária de saúde, a relação “ensino-serviço-comunidade” precisou ser revista, afinal por muito tempo os psicólogos em formação estiveram alheios à debates de como os serviços do sistema de saúde vigente funcionam. Como profissional na atenção primária, a formação do psicólogo deve se dar e estar voltada para a atuação. Os estagiários, profissionais e professores devem estar trabalhando em conjunto para que o cotidiano do trabalho seja questionado e analisado, para que a atuação realmente ocorra com caráter interdisciplinar (Dimenstein e Macedo, 2012).

A articulação entre as instâncias envolvidas na formação do psicólogo (serviço, comunidade e academia) é importante pois abre novos espaços e perspectivas, sendo parte fundamental do processo de aprendizagem, pois, ao se levar em conta as histórias tanto da comunidade, quanto dos estagiários, é possível se chegar a uma intersecção daquilo que é possível de coexistir em uma relação horizontal (Dimenstein e Macedo, 2012).

Considerações finais

Como escrevem Medrado, Spink e Mélo (2014, p. 278) “o diário consegue fundir as palavras e as coisas, à medida que as acolhe em suas páginas. E cada vez que tais páginas são abertas, abrem-se fluxos de possibilidades de comentários; abrem-se para o inédito”. Quando lemos as páginas dos quarenta diários analisados, nós as interpretamos, nós produzimos compreensões e passamos a analisa-los a partir de três núcleos de significação por nós definidos: Reflexões sobre a preparação das rodas de conversa; Impressões e sentimentos sobre a experiência de coordenar as rodas; Reflexões sobre a formação do psicólogo. Outro atento leitor, provavelmente produziria outras análises. Mas, levando em consideração os resultados obtidos e a investigação realizada é possível afirmar que o diário de campo é uma ferramenta que possibilita a potencialização da formação do profissional em

psicologia. Essa potencialização remete a riqueza nos modos como as experiências são vividas, repensadas e como essas passam a ser parte dos indivíduos, ao passo que insere o estudante de maneira ativa no seu processo formativo.

Os diários analisados foram utilizados como ferramenta de registros de experiências, sendo que apesar de seus conteúdos e modos de uso (diário de pesquisa, etnográfico, pessoal) serem diversificados, em vários momentos essas particularidades do diário de campo se deram de forma concomitante, seguindo o compasso da formação. O diário possibilitou a análise das significações das experiências, análise essa realizada com fins didáticos, ficando evidenciado também que apesar de possibilitar a reflexão do vivenciado através dos registros, ele é parte potencial de um processo maior, que acontece no cotidiano do estágio, com leituras teóricas que fundamentam a prática, com planejamento de cada roda de conversa, com utilização dos recursos disparadores primeiramente entre os estagiários afim de antecipar possíveis impactos do material nas pessoas, e por fim, dos encontros de supervisão, onde se fecha o ciclo analisando o diário de campo.

A graduação em psicologia engloba perspectivas múltiplas, as quais podem funcionar como um leque de opções que amplia a visão dos estudantes acerca de suas possibilidades, como também pode ser um empecilho, caso as perspectivas não sejam esclarecidas. Revisões, documentações e pesquisas são maneiras que auxiliam os estudantes a encontrar seus próprios caminhos. Neste caso, documentar em forma de diário de campo possibilitou um diálogo que levou a diferentes perspectivas, ao passo que organizou esses novos pontos de vista possibilitando a compreensão dos fenômenos de diferentes maneiras e a integração dessas experiências ao arcabouço de conhecimentos de quem o utiliza.

Como já destacamos nos parágrafos anteriores, este trabalho permite pensar a formação em psicologia, e, mais especificamente a formação para o espaço da saúde pública. Uma formação que precisa ser revisitada para que as angústias de quem organiza práticas grupais sejam amenizadas ainda durante a formação. Consideramos que novas pesquisas precisam ser feitas e, nesse caso, acreditamos que pesquisas com diferentes profissionais de

saúde, de modo a pensar como o diário de campo pode ajudar em reflexões acerca do dia a dia do trabalho e potencializar a busca de novas estratégias de atuação.

Referências

- Aguiar, Wanda Maria Junqueira & Ozella, Sergio (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(2), 222-245. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>
- Borges, Viviane Velozo; Batista, Heidi de Oliveira & Vecchia, Marcelo Dalla (2011). Os grupos na produção de conhecimento na psicologia: uma revisão da literatura. *Psicologia e Sociedade*, 23(2), 379-390. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200019>
- Brasil (2011). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 5/2011. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, Seção 1. <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>
- Combinato, Denise Stefanoni; Vecchia, Marcelo Dalla; Lopes, Ellen Gonçalves; Manoel, Rosimere Aparecida; Marino, Helena Duarte; Oliveira, Ana Carla Salesse & Silva, Katiuska Fabiana (2010). “Grupos de Conversa”: saúde da pessoa idosa na estratégia saúde da família. *Psicologia e Sociedade*, 22(3), 558-568. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000300016>
- Costa, Eduardo Antonio de Pontes & Coimbra, Cecília Maria Bouças (2008). Nem criadores, nem criaturas: éramos todos devires na produção de diferentes saberes. *Psicol. Soc.*, 20(1), 125-133. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100014>
- Dal’Prá, Keli Regina; Mito, Regina Célia Tamasso & Lima, Telma Cristiane Sasso (2007). A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Revista Texto & Contextos*, 6(1). Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321527160010>
- Dimenstein, Magda Diniz Bezerra (1998). O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. *Estudos de Psicologia*, 3(1), 53-81. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100004>
- Dimenstein, Magda & Macedo, João Paulo (2012). Formação em Psicologia: requisitos para atuação na atenção primária e psicossocial. *Psicologia Ciência e Profissão*, 32(spe.), 232-245. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100004>
- Ferreira Neto, João Leite & Kind, Luciana (2010). Práticas grupais como dispositivo na promoção da saúde. *Physis*, 20(4), 1119-1142. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312010000400004>
- Medrado, Benedito; Spink, Mary Jane & Mélo, Ricardo Pimentel (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: Mary Jane Paris Spink, Jacqueline Isaac Machado Brigagão, Vanda Lúcia Vitoriano do Nascimento & Mariana Prioli Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. (Publicação virtual).
- Pimentel, Alessandra (2001). O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 114, 179-195. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000300008>
- Silva, Gabriel Gonçalves Serafim; Pereira, Eliane Regina; Oliveira, Jaqueline Olina de & Kodato, Yuji Martins (2013). Um momento dedicado à espera e à promoção da saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(4), 1000-1013. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000400017>
- Souza, Ana Paula Gestoso; Carneiro, Reginaldo Fernando; Perez, Silvia Maria; Oliveira, Evaldo Ribeiro; Reali, Aline Maria de Medeiros Rodrigues & Oliveira, Rosa Maria Moraes Anunciato (2012). A escrita de diários na formação docente. *Educação em Revista*, 28(1), 181-210. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100009>
- Weber, Florence (2009). A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 157-170. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>



MATEUS FREITAS

Universidade Federal de Uberlândia

ELIANE REGINA PEREIRA

Psicóloga, com mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina É Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto e no Programa de PósGraduação em Psicologia (PGPSI).

DIRECCIÓN DE CONTACTO

mths1994@hotmail.com; eliane@ufu.br

FORMATO DE CITACIÓN

Freitas, Mateus & Pereira, Eliane Regina (2018).O diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia*, 20(3), 235-244. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 30/05/2018

1ª Revisión: 16/09/2018

Aceptado: 21/09/2018